



Triste como é, de si para para de lá

aCARTA

Em meus quinhentos dias,
Meu mundo é só a natureza,
meu lar é como um poço,
meu lar é vento e do sol
e ainda pelo mar das botanicas,
de correr e a brincar,
Toda a paz da natureza sem gente
sem outas é a men linda,
Mas em fui triste como um poço de sol
Quando ouviu as fundas do oceano,
E os ventos a noite entrou
Como uma borboleta pelo jardim

A FORMAÇÃO DO ANALISTA

Porque é natural e justa
é o que deve ter a alma
Quando ~~uma~~ ^{uma} alma que existe
que nasceu ~~uma~~ ^{uma} alma que nasceu
uma alma de chocobos
Para além da coroa da estrada
O meu pensamento não ^{entendia} ~~entendia~~
O vento para de saber que elas são inacessíveis
Porque, se o vento souber,
O vez de serem inacessíveis a elas,
seriam alegres e acescíveis.
Pensar inacessível como andar a chover
Quando o vento voa e fazem que chove mais

INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE DE
PSICANÁLISE
Nº06 - DEZEMBRO DE 2008

SUMÁRIO

ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE DE PSICANÁLISE

Presidente: Israel Vieira

Vice- Presidente: Patrícia Cristina Gimenez Ribeiro Possato

Secretária: Renata Bolzam do Nascimento Falivene

Vice-secretária: Regina Steffen

Tesoureira: Regina Célia de Carvalho Moran

Vice-tesoureira; Adriana Fiori

COMISSÕES

Acolhimento: Patrícia C. G. Ribeiro Possato

Walkíria H. Grant

Lúcia Bertazzoli

Biblioteca: Inácio Siqueira Lima

Sander Albuquerque

Elaine Moraes

Ensino: Regina Steffen

Durval Checchinato

Adriana Fiori

EDITORIAL

A FORMAÇÃO DO ANALISTA E A ACP..... 4

ARTIGOS E ENSAIOS

FORMAÇÃO DE PSICANALISTA- *Durval Checchinato* 7

GIRO DE PERSPECTIVA: DA FORMAÇÃO DO ANALISTA ÀS FORMAÇÕES DE ANALISTAS- *Renata B. Nascimento Falivene* 17

A ÉTICA DA PSICANÁLISE E SUA RELAÇÃO COM A DIREÇÃO
DA FORMAÇÃO - *Patrícia C. G. Ribeiro Possato* 19

SOBRE O CARTEL- *Fabiana Rovigatti Malacrida, Inácio Siqueira, Luciane Rodrigues de Castro e Rodrigo Augusto Suárez Abreu* 20

DEBATES E REFLEXÕES

DUAS NOTÍCIAS DE CAMPINAS- *Ricardo Goldenberg* 24

CONTO, VERSO & PROSA

HISTERIOLOGIA- *Regina C. C. Pinto Moran* 26

ENTREVISTA

A PSICANÁLISE EM CAMPINAS

Dr. Roberto Silveira Pinto de Moura 29

AGENDA

PROGRAMAÇÃO 1º SEMESTRE 2009..... 39

EDITORIAL

Caros colegas,

Nos *Escritos* Lacan fez uma convocação solene aos analistas para que abram seus ouvidos aos sofrimentos de seu tempo. Nomina essa abertura como a mais alta.

Mas para toda associação ou escola é muito difícil combinar a formação de seus membros e ao mesmo tempo dar conta das mutações do século.

Sem uma formação sólida em teoria e clínica psicanalíticas (e isto precisa de tempo, exige renúncia e determinação = 2º regra) facilmente largamos da **episteme** da psicanálise e passamos a cuidar da espuma dela. Mais ainda, a formação é inescapavelmente permanente.

Esse objetivo só se obtém garimpando duramente e por árduos anos o campo da psicanálise em extensão e em intensão ou seja, antes de tudo é preciso conseguir a escuta das manifestações do inconsciente próprio e, depois, de outrem para nos aventurarmos na *psicanálise aplicada*. O inconsciente precisa de tempo, embora o dispense! Senão, facilmente passamos à mistura de outras epistemes. E aí abolimos o *bico fendente* da nossa. Por isso é clarividente a ACP por ter perseguido sempre o estudo de Freud e Lacan. Trata-se de uma coerência evidente.

Tanto a manutenção e sustentação da associação como qualquer aplicação da teoria e prática psicanalíticas exigem uma limpeza de nosso desejo de reconhecimento, restos edípicos, sobre peso no ego, pois caso contrário não estaríamos inseridos na dura verdade de que não passamos senão de +1;

Qualquer contribuição de um/a psicanalista só é verdadeira se ela se enquadrar na humilde realidade de apenas +1 e nada mais. Na circulação do fálico (+1) elimina-se mestre (discurso universitário) e aí o +1 pode aprender e ensinar.

A responsabilidade e a abnegação dos que dirigem uma associação psicanalítica são simplesmente enormes; é difícil dar conta, não raro, trabalho de síssifo; tenho admiração pelos colegas que arcaram com essa responsabilidade de manter as exigências específicas de tal comunidade. Sinto mesmo gratidão por podermos multiplicar nossas trocas. Aos que nesses anos têm arcado com múnus não lhes poupo louvores.

A associação psicanalítica regida pelo +1, como a entendeu Lacan, supõe que cada *socius* assuma seu desejo e então se apresente como +1, ou seja, **só a obra conta**, o resto é por conta de imaginários vigentes e atuantes em outras associações não psicanalíticas.

Assim, ritos e liturgias podem alimentar religião, mas não raro a religião, é o maior obstáculo para a fé. Repetições rituais são da ordem do sintoma. Obsessivo. A associação psicanalítica depende de cada um assumir a sua fé, aquela que Lacan belamente descreveu como sendo o tesouro de quem cria, inova aquela que movimenta todo cientista. A fé na causa sustenta o pique analítico.

A assunção do +1 se desdobra em obras, participação em seminários, apresentação de casos e trabalhos. Não é possível habitar o desejo de ser psicanalista e dele não dar provas, não concretizar em trabalhos o reconhecimento desse desejo, ou seja, ocupar entre pares o lugar da pertença como próprio e não na dependência do reconhecimento do outro. As questões edípicas nem sempre bem resolvidas tendem a nos assediar exatamente nos momentos em que necessitariam estar resolvidos nelas. É simplesmente difícil ocupar o lugar estrito do +1.

A ACP tem se mostrado séria na busca do ideal proposto pela psicanálise. A preocupação com a formação (permanente) de psicanalistas encontra apoio na afirmação constante de Lacan que *meu ensino se dedica à formação de novos analistas*, ideal especificado vigorosamente no texto TELEVISÃO. Essa seriedade da ACP tem sido provada pelo testemunho dos que seguem nossos seminários e outras exposições. Os +1 que têm presidido essas atividades apresentam-se invariavelmente com a matéria estudada e fundamentada. Mesmo o estudo de caso no qual nossas fraquezas na escuta de pacientes e, sobretudo nossos pontos **surdos**, vêm à tona, ele tem podido ser respeitoso de parte a parte.

O estudo de caso é sem dúvida um lugar onde nosso ego tem a chance de ser esboroadado em suas *certezas* e afinado na castração da escuta do inconsciente. O estudo de caso enseja, outrossim, a oportunidade de verificar nossa abertura à radicalidade da segunda regra. Ele pode ser um divisor de águas: que correntes animam nossa escuta, a psicanalítica ou a ficção universitária? Ou, simplesmente o real (objeto a) ou o imaginário? O estudo de caso é medida precisa de reconhecimento de nosso desejo de ser analista e do despojamento que atingimos na escuta das manifestações do inconsciente. A polissemia do signo se concretiza num significante que singulariza a relação com o significado. É aí que interpretação (significação) se opõe à exegese. Só há interpretação se ela estiver vinculada à história do sujeito, isto é, a seu édipo e castração. É a tal construção em análise! Não pode ser senão aquela que revela o sujeito do *Há um*. Além disso, a exposição de caso escancara o limite da ambição egóica, pois o ponto de vista nada é senão a vista de um ponto. O outro

em muito nos ajuda quando pontua um significante que nossa **surdez** “se recusou” a ouvir.

Com certeza podemos afirmar a mesma seriedade a respeito das reuniões temáticas e das palestras para a comunidade. Quer na apresentação de casos quer nas reuniões e palestras, tivemos discussões esclarecedoras nos quais avançamos em conceitos teóricos e clínicos.

É preciso ressaltar a preocupação que a ACP teve esse ano na abordagem de temas hiperatuais como droga, adolescência, sexualidade precoce (“ficar”, relações sexuais...) e gravidez precoce; uso e abuso do computador MSN, Blog, Orkut... e subjetividade virtual; formação da subjetividade na primeira infância; o corpo e a visibilidade, academias etc; o aumento da homossexualidade e o declínio da autoridade paterna; homossexualidade em Fernando Pessoa e sublimação; o édipo nas mudanças familiares hodiernas; Caravaggio, a independência subjetiva na arte; os Discursos da Psicanálise; psicanálise aplicada em escola, creche, na clínica de viciados e de psicóticos, na empresa (vontade de gozo, desejo de gozo do Outro); também em empresas (gestores +1); nas “Fábricas de Cultura” (periferia de São Paulo – Secretaria da Cultura); os cineforuns e o estudo de patologias.

É preciso ressaltar o esforço em organizar o livro sobre “Subjetividade pós-moderna”.

Para 2009, calharia coerente e lógico o estudo da **clínica psicanalítica**. A medicina praticamente abandonou a clínica para atender a especializações. Mas com grande prejuízo para o custo financeiro e, sobretudo para a qualidade de atendimento dos pacientes.

Ora, opino que isso não pode ocorrer com a psicanálise. O psicanalista precisa ser habilidoso na clínica geral da psicanálise: psicose, neurose, epistemossomática. Estas patologias exigem versatilidade e agudo senso clínico de escuta. Isso supõe muito estudo e treino. Clínica, clínica!...

A ACP depende de cada qual assumir seu desejo de ser analista nela. É esse mesmo desejo que sustenta o grau de participação nela. Ela, como toda sociedade analítica, em tese, seria dispensável. Mas por dois motivos ela não o é: primeiro, por que temos que, como cidadãos, oficializar nossas reuniões e, segundo, abraçamos um discurso e como portadores dele incumbe-nos a tarefa de o circular. Sem pares não há psicanálise que se mantenha. Só a pertença nada adianta nem garante.

Depois de tudo, sobretudo do afínco e abnegação dos que mantêm a ACP, como lugar vivo da transmissão, o despojamento (a castração) vem conferir se realmente agimos por nosso desejo ou por outro motivo alheio a ele. *Sicut palea = como palha*. Mas o efeito é sempre a posteriori.

Na verdade-verdade *um analista não se autoriza senão por si mesmo...* Não menos na proposta da ACP. Nada de estranhar que poucos suportam o tranco e mantenham o ritmo. Sempre, na práxis, as duas variáveis da

psicanálise: o *shiboleth* do édipo e a segura *rocha da castração*, penhor de ressubjetivação e sublimação.

Enfim, como neste ano ocupou-nos a questão difícil da formação do analista, talvez fosse de bom alvitre que a *aCarta* trouxesse o testemunho dos que meditaram sobre esse tema.

Abraço

Durval

ARTIGOS E ENSAIOS

FORMAÇÃO DE PSICANALISTA

Durval Checchinato

“O que te escrevo é sério
Vai virar objeto
Imperecível”

LISPECTOR, 1990 p. 49

Resumo: O autor propõe que a segunda regra fundamenta a escuta psicanalítica. É garantia de sua episteme. Seu nome é SUBLIMAÇÃO.

O termo *formação* parece-me inadequado para indicar um processo em que um sujeito se faz analista. Ele tende a sugerir que haja uma forma ou uma fórmula, um padrão ou um currículum que resulte em analista. Ou mesmo uma instituição que o forme. Mais complicado ainda: como pretender ser analista se o próprio fundador declarou impossível a análise como profissão? Se partimos da própria episteme analítica, de chofre nos deparamos com outro paradoxo estrutural: como formar-se num *saber que não se sabe*? Incrivelmente para poder tornar-se analista e assim alcançar esse *saber que não se sabe* é necessário, condição *sine qua non*, renunciar a todo saber estabelecido, universitário ou outro.

Abstinência, a segunda regra é simplesmente despojante. Trata-se de uma exigência epistemológica.

Num longo tirocínio é preciso varrer do imaginário toda ficção de saber, as certezas matemáticas ou outras e, sobretudo os pré-conceitos. Limpeza difícil, limpeza étnica mesmo, custosa, não só por exigência ética como também por inviabilização da escuta verdadeira. Essa ética é nova, fundada por Freud. É a ética da fala, viva, vivificante. Trata-se de uma fala e que, portanto, supõe uma escuta diáfana, íntegra, limpa dos entulhos do imaginário do analista.

Se o homem fala é porque a linguagem o fez homem, dizia Heidegger. Se assim é, a psicanálise não faz outra coisa que verificar em cada paciente que homem a linguagem fez. É por isso que ela se pauta pela ética do sujeito.

Até aqui dura ascensão e de longos anos para des-ocultar os engodos e armadilhas do imaginário próprio.

Em seguida, outra renúncia.

De nada valeriam a escuta ou a intervenção caso entre analista e analisante não intervisse automaticamente um misterioso laço afetivo inconsciente, uma relação de objeto, que dinamiza e alimenta o processo. Sem a transferência ou com ela apenas suposta, o tratamento se faz abortivo. Ana Ó, fundadora, e Dora o comprovam.

Trata-se de uma ponte, indispensável, mas cujo leito carroçável não pode ser usado por inviabilizar o processo. Leito escorregadio, não permite a aderência da palavra. Ela cairia no rio antes de atingir outra margem. Diluir-se-ia na corrente da água, iria perder-se na imensidão do oceano inconsciente. Poderá até voltar em evaporação e precipitação pluvial, mas já em outra consistência. Essa ponte, indispensável embora, só é utilizável se a passagem se efetuar pelo pensil do terceiro ponto. Aí a relação com o analisante encontraria **momentos** secundos: a passagem seria de Outra cena, pelo Outro e para o Outro. Aqui é o lugar dos sucessos ou dos erros e fracassos. Dois motivos em que o fracasso do analista pode marcar ponto: primeiro porque não há possibilidade de responder a toda transferência e segundo, porque nele, no analista, há sempre um ponto **surdo** para fazer o estrago.

Mais uma abnegação dura e radical, amor sim, mas apenas amor de transferência. Transferência impreverivelmente elevada à dignidade do Outro.

Fernando Pessoa criou um neologismo feliz que pode ilustrar esse procedimento: **Outrar**. Para ele consistiu no recurso aos heterônimos, para o analista, Outrar, condição de trabalho, de escuta verdadeira. Outrar, outrar ininterruptamente no encadeamento do discurso do paciente. Outrar é despojarse de tudo de si para que a escuta seja exclusivamente do outro. Outrar é a tentativa constantemente buscada para chegar ao habitat do Outro. Outrar é

calar todas as vozes interiores e exteriores; sem o silêncio na floresta, os passarinhos não cantariam e ficaríamos sem a alegria da maviosidade da voz do sabiá, do pintassilgo ou o arrular triste da rolinha. *Ouve-me, ouve o silêncio. O que te falo nunca é que o que falo e sim outra coisa* (Lispector, 1990, p. 18), pois o que te falo oculta o segredo do meu dizer. Ouve-me, ouve-me em silêncio mas sem o silêncio de teu ponto **surdo**.

Essa renúncia se desdobra em dupla alternativa: primeiro, a de não compreender e a segunda, a da total abertura à Chegada e ao Novo. Compreender: *Comecem por não crer que vocês comprehendem. Partam da idéia do mal-entendido fundamental. Aí está uma disposição primeira, na falta da qual não há verdadeiramente nenhuma razão para que vocês não comprehendam tudo e não importa o quê.* (Lacan, 1981, p. 29)

A dialética avançada por Empédocles entre *neikos* e *filia* tem encontro marcado com a tiugué, o *symthoma* do sujeito.

A chegada do novo interroga o outrar:

Ah, a frescura das manhãs em que se chega / E a palidez das manhãs em que se parte... O medo ancestral de se afastar e partir, / O misterioso recuo ancestral à Chegada e ao Novo. O medo à Chegada e ao Novo é ancestral. Instalados no museu de nossos imaginários, sempre os tomamos como nossos referenciais de *certeza ignorante*, e, perante o Novo, o surpreendente, o estranho, apegamo-nos às velhas moradas de nossas ficções. Todo problema está em que só se chega ao Novo pela Chegada do velho. E aí, se não nos desprendermos de nossa *certeza ignorante* atolamo-nos em fundamentalismos que se desdobram em anátemas e abominações. E o inconsciente a teimar com a chegada e com o Novo! Bachelard, apenas para lembrar, analisou finamente a resistência à nova episteme.

Eis por que o mistério da escuta analítica está no Instante, mais que isso no **Instante-já**:

E eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra, repetida em canto gregoriano. Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando, sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última. Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já. Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba, lê o que agora se segue: com o correr dos séculos perdi o segredo do Egito, quando eu movia em longitude, latitude e altitude com ação energética dos elétrons, prótons, nêutrons, no fascínio que é a palavra e a sombra (Lispector, 1990, p. 15). *Nada é mais difícil do que entregar-se ao instante* (Lispector, 1990, p. 54).

Por quê? A palavra é objeto? E aos instantes eu lhes tiro o sumo da fruta. Tenho que me destituir para alcançar o cerne e semente viva... Sim, quero a

palavra última que também é tão primeira que já se confunda com a parte intangível do real... a invenção do hoje é o meu único meio de instaurar o futuro... Estou atrás do que fica atrás do pensamento... Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais... É um estado de contato com a energia circundante e estremeço...

Então: *Fixo instantes súbitos que trazem em si a própria morte e outros nascem – fixo instantes de metamorfose e é de terrível beleza a sua sequência e concomitância (Lispector, 1990, p.17).* Estou encantada, seduzida, arrebatada por vozes furtivas.

Nada é mais difícil do que entrega-ser ao instante (Lispector, 1990, p. 54).

Por isso, *Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada (Lispector 1990, p. 26).* Precisamente, a minha, a que rompa a limitação. Por isso ainda: *renuncio a ter um significado, e então o doce e doloroso quebranto me toma... Mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso. Quero a profunda desordem orgânica que no entanto dá a pressentir uma ordem subjacente. A grande potência da potencialidade...*

O importante é que o instante-já instala o **momento**. O **momento** é solene: é o momento da verdade, *a verdade os libertará. Momento dinâmico, passagem de todas as bacantes (Pessoa). Verdade ou Verdades?*

O imprevisto improvisado e fatal me fascina. Já entrei contigo em comunicação tão forte que deixei de existir sendo. Você tornou-se um eu. É tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas. É tão silencioso. Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois? Difícilímo contar: olhei para você fixamente por uns instantes. Tais momentos são meu segredo. Houve o que se chama de comunhão perfeita. Eu chamo isto de estado agudo de felicidade. Estou terrivelmente lúcida e parece que alcanço um plano mais alto de humanidade. (Lispector, 1990, p. 59).

Momento de reconciliação, de retomada histórica. Descubro: *Eu sou fundo. E disruptivamente constato: É por coincidência que eu sou eu (Lispector, 1978, p. 27).* Coincidência de um ato, eficaz, em que *eu sou eu. Um eu que pulsa já se forma. Há girassóis. Há trigo alto. Eu é (Lispector, 1990, p. 42).*

A solenidade do momento é o encontro venturoso consigo mesmo. Momento de ultrapassagem do significante, momento de nova criação, momento de invenção, momento de rearmonização, momento de libertação. *Minha essência é inconsciente de si própria e é por isso que cegamente me obedeço. Eu sou um abismo de mim mesmo sempre serei enviasado (Lispector, 1978, p. 76).*

O que define um analista é a transmutação do desejo em seu fantasma para o objeto de seu desejo. E nisto está a diferença abissal entre vontade e desejo de ser analista. Ao analista não mais atraem “Os Reis de Sonho”: Ele se precipitou das *paisagens impossíveis*, atravessando-as. Com Fernando Pessoa, *Não conto gozar minha vida; nem em gozá-la penso*, eis a definição que vem a calhar ao

fim a que se propõe aquele que se autoriza analista. Lacan desejava que seus psicanalistas agissem como os matemáticos que sempre são matemáticos na prática. A coisa mais dura da vida de um analista é a busca incessante e a prática contínua da coerência integral de sua vida com o despojamento exigido pela prática análise. Lacan propunha criar **santo, aquele que zomba do gozo**, dizia ele. Varias vezes recorreu aos místicos. João da Cruz, por exemplo, falava do *abominável afeto de propriedade* (João da Cruz, 1984, p.403) e Mestre Eckhart escreve: *Mais despojado se é, mais se possui. (Eckhart M. 1971, p. 100).* Os místicos insistem na condição essencial do encontro, desapego e despojamento. *Vivo um vazio que se chama também plenitude. Não ter me cumula de bênçãos (Lispector, 1978, p. 81).* *Não se deve viver em luxo. No luxo a gente se torna objeto que por sua vez tem objetos. Só se vê a “coisa” quando se leva uma vida monástica ou pelo menos sóbria. O espírito pode viver a pão e a água (Lispector, 1978, p. 118).*

O analista é aquele que se dispõe à escuta de um *saber que não se sabe*, um saber que é puro gozo do Outro. O santo é aquele que abriu mão do gozo próprio e aí o gozo que vem de Deus acontece. O analista é aquele (condição absoluta!), que abre mão de seu gozo para que o gozo da “Outra cena” se realize. *Não conto gozar minha vida; nem em gozá-la penso.* O analista assim age não apenas por convicção ética, mas assim procede porque viveu em sua carne, em sua dura experiência analítica, sua destituição como sujeito do conhecimento. Após isso, o fantasma que o sustentava não consegue mais iludí-lo: ele vive o seu de-ser, e, consequentemente a retomada da crença anterior onde pensava estar sua subjetividade, lhe é impossível. Imaginarizar o simbólico é uma eterna tentação, mas a verdade - o real - é priorizada terminantemente. A travessia já foi. Decorre daí o grande perigo de o analista autenticar o imaginário como se simbólico fosse.

Perco-me se me encontro, duvido se acho, não tenho se obtive. Tal é o despojamento! (Pessoa, 1982, DI. p. 139)

O que sustenta então o analista em tão duro mister? O dinheiro? Impossível. Se fosse o dinheiro não teríamos um analista, analista só há se ele for destituído e um analista movido a dinheiro seria um analista instituído, portanto alguém que ainda confunde o ter com o ser, alguém que ainda habita o fantasma. Ele ainda acreditaria que o poder estaria nele não na palavra.

O que então sustenta o analista? Por certo, nada que inclua a fama, a glória, a luta de prestígio, o narcisismo malsão, mesmo o da pequena diferença, o saber eminent, a manchete de última hora...

Tudo isso não passa de *arredores da sensibilidade...* por que para um analista verdadeiro *tudo quanto é futilidade, mera arte, vai gradualmente soando cada vez mais a oco e a repugnante...* O analista se qualifica, porque destituído como sujeito, pode dizer com Pessoa: *passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, essoutra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável,*

de querer épater. Tudo inútil, sobretudo a sedução edipiana da futilidade do desejo de ser reconhecido, a do dom e a do exibir-se, *épater*. Despossuído, o analista sabe que seu saber de nada sabe do inconsciente: *O saber é a inconsciência de ignorar...* (Pessoa, 1995, p. 465). Sujeito advertido, o analista luta denodadamente para abrir mão do gozo podre de seus sintomas, isto é, *dos arredores da sensibilidade*. (Pessoa, 1995, p. 465) Só o saber inconsciente o institui a ele e ao analisante como sujeitos. Por isso, o analista pode com propriedade dizer com Pessoa: *Cada vez estou mais só, mais abandonado. Pouco a pouco quebram-se-me todos os laços. Em breve ficarei sozinho.* (Pessoa, 1974, p. 39) O analista, sabe dos perigos de não ficar sozinho na escuta do outro.

Ousaria pensar que aí está o que Lacan entendia, por um analista: ter um estilo. Não basta terminar uma análise e se descobrir possível analista. Há ainda um longo tirocínio clínico: alcançar um estilo. É curioso notar na história da psicanálise que os que a fizeram surgir ou tomar impulsos decisivos pouco deveram a seus analistas. Freud teve Fliess como mero interlocutor, Melanie Klein deve certamente a Abraham a teoria do objeto, mas que tem a ver sua proposta com a de Abraham? Lacan com certeza pouco deve a Loewenstein, seu analista, a quem jamais se refere e quem indiretamente invectiva ao denunciar o equívoco da Ego Psychology que sustentou com Hartmann e Kris; Eric Fromm em sua última entrevista pública, afirmava que não foi com seu analista que aprendeu a analisar e sim com seus pacientes (sic!); Françoise Dolto, Maud Mannoni, François Perrier...

Uma análise bem conduzida pode ser um ponto de partida fundamental para a formação do analista. Mas ela só não lhe basta. Resta-lhe prover-se de um estilo. E este adquire-se ou não se adquire. Estilo não se herda. Cópia, cola, imitação, sim. Cada analista com sua visão, sua maneira de encarar os conceitos que fundamentam a psicanálise, cada um com seu modo de acolher os pacientes e escutá-los segundo as reverberações de seu inconsciente, pode alcançar um estilo que, como uma marca, o distingue na recepção do analisando e na ponte da transferência. Quando Lacan afirmou na Proposta de 7 de outubro de 1967: *Sozinho, como sempre eu estive, fundo a Escola Freudiana de Paris*, muitos o entenderam flutuando em enfatuação. Engano ligeiro. Lacan afirmava com todas as veras ser portador de um estilo e, portanto, apto para o ato que se propunha. *Estar sozinho* eis o que define um analista como definia a Pessoa ser Poeta: *Vivi sempre isolado, e cada vez mais isolado, quanto mais dei por mim.* (Pessoa, 1982, DI. 269) Daí:

Não tenho ambições nem desejos
Ser poeta não é uma ambição minha
É minha maneira de estar sozinho. (Pessoa, 1995,

p. 203)

A renuncia é libertação... (Pessoa, 1982, DII p. 148)

A liberdade é a possibilidade do isolamento...

Se te é impossível viver só, nasceste escravo (Pessoa, 1982, D II p.196)

Haveria possibilidade de uma profissão ou de um trabalho válido sem inclinação, isto é, sem a descoberta do desejo? A não definição do desejo leva o indivíduo a incorrer em perigo, para si e para os outros. Para si sobretudo, porque não poderá não se patologizar. Em psicanálise essa condição se torna dramática: se o desejo não autoriza o analista, por mais ciência analítica que o ilustre, vão é seu trabalho para si e para o paciente. Dificilmente fará clínica. Só elabora decepções. Alimenta ilusões, senão ronda imposturas... O desejo ratifica o sujeito em seu estudo, em seu ensino e em sua prática. O desejo unifica-lhe as energias. O desejo orienta-lhe a criatividade e mantém-lhe projetos. O desejo garante-lhe o *a posteriori* da clínica. O desejo é-lhe única garantia de que *vive a vida*, assume a existência.

Edgar Allan Poe, que amargou sua vida no drama da adoção e do alcoolismo, imortalizou esta solidão necessária e indispensável em seu poema “Só”. Eis alguns versos:

Não fui, na infância, como os outros
E nunca vi como os outros viam
.....
Tudo o que amei, amei sozinho.
.....
Só, no amplo azul do céu puríssimo,
Como um demônio, ante meus olhos. (Poe. E.A. 1960, p. 498).

Sua produção literária foi tão alta e tão ampla que guindou os Estados Unidos ao nível da produção literária da Pátria mãe. Há uma condição necessária e absoluta para se tornar analista: estar só. Parafraseando:

Ser analista não é ambição minha
É minha maneira de estar sozinho.

Longe, pois, da psicanálise, qualquer prática analítica de ensino ou clínica, que imite mestres ou os mimetize. Nada mais frustatório que a “colagem”. Penúria de espírito, digo eu, *designio dos canalhas*, ousa dizer Lacan em *Télévision*. Que então sustenta a prática analítica? Fernando Pessoa renunciou ao gozo de sua pulsão para a pôr toda a serviço do que ele chamou de sua missão: ser poeta e poeta português. A constância dessa vivência criativa ele assim a definia:

Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo. (Pessoa, 1995, p. 204).
E Lispector:
Rompo as comportas e me crio nova (Clarice, Lispector, 1978, p. 131).

Luto com extrema ansiedade por uma novidade do espírito (Clarice Lispector, 1978, p. 43). *Eu sempre espero alguma coisa nova de mim, eu sou um frisson de espera – algo está sempre vindo de mim e de fora de mim.* (Clarice, Lispector, 1978, p. 60).

O analista é alguém que se dispõe a ouvir a eterna novidade do inconsciente. **Ouvir**, pois o analista não vê, não olha, não palpa, não examina, não prescreve... E para **ouvir**,

Procuro despir-me do que aprendi,

Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,

E raspar a tinta com que pintaram os sentidos... (Pessoa, 1995, p.226) Por isso, tenho na vida o interesse de um decifrador de charadas (Pessoa, 1974, p. 43).

Assim preparado, só me resta receber a cada paciente como se nunca tivesse recebido um paciente. *Praticante da função simbólica*, poliglota do inconsciente, o psicanalista está às voltas de sempre aprender uma nova a-língua: um *softer* absolutamente singular. Qualquer *língua* ou conhecimento anterior impediriam a percepção da diferença subjetiva. *Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez* (Pessoa, 1995, p. 232) ou *Compreender é esquecer de amar.* (Pessoa, 1982, DI, p. 260). O analista **ouve**, ouve os desencontros do sujeito, os entraves edípicos, ouve o real que o faz sofrer, o real que se lhe afigura insuportável. O analista ouve porque ama. Ama seu mister. Ama prestar seus ouvidos à eterna invenção do amor. O analista é um vocacionado do amor: despoja-se para que o outro surja, pois sabe que *O "homem" vai andando com suas idéias, falso e estrangeiro.* (Pessoa, 1995, p. 231). Por isso sua missão é denunciar em ensino e atos:

Ai de ti e de todos que levam a vida

A querer inventar a máquina de fazer felicidade! (Pessoa, 1995, p. 231)

Ou

"Irrita-me a felicidade de todos os homens que não sabem que são infelizes" (Pessoa, 1982, DI, p.85)

A felicidade é clandestina. (Lispector, 1981)

Disruptivamente, *Não existo. Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram.* (Pessoa, 1995, p. 413). A falta-para-ser que me é estrutural, é-me também o fulcro por excelência de minha ex-sistência e da continua invenção de mim mesmo.

O analista é alguém que, como o poeta, não vive mais de ilusões. Vive, sim, (e aí tem seu gozo) sua cisão, *Spaltung* e dela não abre mão: *Sou o intervalo. Não durmo. Entressou.* (Pessoa, DI, p. 66) Por isso, os *não-incautos erram* (Lacan): *Substitui-te sempre a ti próprio. Tu não és bastante para ti. Sê sempre*

imprevenido por ti próprio (Pessoa, 1974, p. 38). *Não-imprevenido* talvez a melhor tradução para o francês *non-duper*.

Os não-imprevenidos erram por quê? Erram porque aqueles que *prevenidos* agem, ainda continuam presos ao imaginário. Usam-no como critério reducente da escuta do sujeito, fosse embora a ficção pretensamente científica. A psiquiatria e a psicologia têm também uma escuta, porém, uma escuta *cientificamente* prevenida. Será invariavelmente escutado o signo lingüístico. A significação. E daí segue a classificação do sujeito, ou, melhor a anulação dele. O psiquiatra assim age por que *cumpre tabela*, segue uma nosografia. Ao psicanalista incumbe tarefa mais difícil: tem que dar conta de uma **nosologia** singularmente encarnada. Lacan, porém, afirma, seguindo a descoberta de Freud, que a escuta específica à psicanálise é a escuta do significante, significante que representa o sujeito para outro significante. Significância. E daí sujeito. E, como o significante é pura criação da singularidade do sujeito, emitido pelo inconsciente, é preciso que a escuta seja **imprevenida**, por que qualquer outra impediria o analista de ser surpreendido por ela. Há um, único, uniano. Eis o mistério humano de cada sujeito. Nada mais justo pois, do que *a paixão pelo significante. Eu não existiria se não houvesse palavras* (Lispector, 1978, p. 82). Apenas a escuta imprevenida, em *abstinência*, permite que só depois se possa verificar o efeito *a posteriori* da intervenção. Ele acontece, prova-se eficaz apesar do analista. Mas essa eficácia só se verifica porque o significante tem valor heurístico, é um algoritmo que permite des-ocultar seu *enigma*, ultrapassando a barra da resistência que encobre seu significado. É a dialética da verdade do sujeito. É não a ética do Bem, mas a nova ética da Fala, isto é, do bem-dizer. Trata-se da procura da *palavra e de sua sombra*, do *micrótio da significação* ou *estalido da diferença*. (Lispector, 1990, p. 15). O inconsciente é que o homem seja habitado pelo significante (Lacan). Tenho na vida o interesse de um decifrador de charadas. (Pessoa, 1974, p. 43). Eis por que *devo por sina e trágico destino só conhecer e experimentar os ecos de mim, porque não capto o mim propriamente dito* (Lispector, 1990, p. 21).

Pessoa descobriu essa verdade graças à sua sensibilidade poética. Denunciou o equívoco do imaginário: *Com que confiança cremos no nosso sentido das palavras dos outros.* (Pessoa, 1982, DII, p. 186). Está aí a escuta viciada: impostura quando aplicamos nosso sentido às palavras dos outros, impostura porque deixamos cair o *Sê sempre imprevinido por ti próprio*. Sem este princípio não há sensibilidade para o *unheimlich*, não há ingenuidade consentida diante do inesperado e do sempre - novo ou do mal-entendido.

A condição de estar sozinho embora radical para prática analítica, não dis-pensa o analista do laço social que o discurso analítico estabelece. Mas aí algo essencial elimina o narcisismo da pequena diferença. O analista sabe que seu

saber, por erudito que seja, nada mais é que o mais desprovido + 1. É a circulação do falus que garante a comunidade e a transmissão. Por que? Porque a garantia da psicanálise em teoria e prática se funda no **Shibólet** do édipo e na rocha da castração. Esta, um tesouro, operador das ciências e das artes, da civilização e da cultura e, sobretudo, operador por excelência da cura Psicanalítica.

Ninguém é, e, muito menos se mantém, sem o outro. Além disso, a posição do +1 protege a instituição como analítica e possibilita a eliminação dos problemas da fratria: invidia fraterna, a abominável luta de prestígio, ou do senhor e do escravo, as questões edípicas... o narcisismo doentio. A verdade é que cada um de nós é + 1 e nada mais. O +1 tão simples e tão fecundo em termos de troca de cultura e da verdade do subjetivo humano. As consequências filosóficas dessa singela contribuição de Lacan estão ainda para ser tiradas. Somente nessas condições a transferência de trabalho se torna operativa. Daí a palavra profética: *A psicanálise depende dos escritos que virão*. Verdadeiramente, em todos os sentidos, é o trabalho que conta.

Conta a lenda que Santo Tomás d'Aquino, ao terminar a Suma Teológica, ouviu de Deus uma voz: - *Bene de me scripsisti*. E Tomás respondeu: *sicut palea. Escreveste bem de mim*. Mas Tomás sabia que, se o que ele escreveu abarcasse minimamente Deus, esse Deus não seria Deus. Daí ter ele respondido que sua obra era como *palha*.

Pessoa não pensava diferente de sua obra: *Com que vigor da alma sozinha fiz pagina sobre pagina reclusa, vivendo silaba a silaba a magia falsa, não do que escrevia, mas do que supunha que escrevia! Com que encantamento de bruxedo irônico me julguei poeta da minha prosa, no momento alado em que ela me nascia, mais rápida que os movimentos da pena, como um desforço falaz aos insultos da vida! E afinal, hoje, relendo, vejo rebentar meus bonecos, sair-lhes a palha pelos rasgos, despejarem-se sem ter sido ...* (Pessoa, 1982, D.II, p.54)

Lacan também retoma esta palavra e a coloca na boca do analista. O analista que soube algo do inconsciente seu ou de outrem se dá conta de que esse saber em nada é estabelecido por ele. Ele é apenas um *restolho* que fica para contar a história. Para ouvir a história, mas *sicut palea*, como uma palha, palha que serve para acolher o fruto, história singular movimentada pelo vagido (*sopro*) da voz, da palavra. Depois de tudo, é o analista que paga a conta: empreende para que haja um novo analista e este vai se realizar fora dele. Pessoa: *depois de tudo feito, apenas em parte fizemos o que queríamos fazer.* (Pessoa, 1982, D.II, p. 54).

Analista se houve, se há, só a posteriori.

Concluindo: a primeira e a segunda regras da escuta analítica se completam. Da primeira que o sujeito queira ou não, o inconsciente se encarrega, mas da segunda o analista tem total responsabilidade, ética e técnica. Ela leva um nome: **sublimação**.

Quinta da Peroba, dezembro de 2008.

Referências bibliográficas

- ECKHART, M. (1971). *Les Traités*. Paris: Edição Seuil.
JOÃO, DA CRUZ S. (1984). *São João da Cruz Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.
LACAN, J. (1981). *Le Séminaire III Les Psychooses*. Paris: Editora Seuil.
LISPECTOR, C. (1990). *Água Viva*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
LISPECTOR, C. (1978). *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
PESSOA, F. (1982). *Livro do Desassossego I*. Lisboa: Ática, S.A.R.L.
PESSOA, F. (1982). *Livro do Desassossego II*. Lisboa: Ática, S.A.R.L.

GIRO DE PERSPECTIVA: DA FORMAÇÃO DO ANALISTA ÀS FORMAÇÕES DE ANALISTAS

Renata B. N. Falivene

Se nos propusemos a estudar a Formação do Analista durante 2008, por causa dos problemas que fomos capazes de identificar, ao longo dos últimos meses pudemos tanto reconhecer outros problemas como interrogar a própria questão que orientou nossas reflexões.

Assim, partimos do cenário no qual reconhecemos que, a formação, sendo da responsabilidade de cada um, concerne também à ACP. Isso porque a instituição se responsabiliza pelo que oferece da formação. Observe-se que eu não digo que a instituição se responsabiliza *pela formação que oferece*, o que

seria equivocado, como se isso se pudesse oferecer, mas que tem sua responsabilidade na medida em que participa dessa formação, seja propondo leituras, seminários, cartéis, discussões clínicas, seja ratificando enfim a participação de seus membros nos dois graus de analista.

Daí a questão sobre como enunciar a parte de responsabilidade da instituição, uma vez que apenas enunciando se poderia dar a saber dessa responsabilidade. E seria necessário dar a saber, a fim de selar entre a instituição e seus membros o *acordo* nos termos em que ele deveria valer. Pessoalmente, me pareceu que devêssemos ser capazes de pensar sobre que palavra (assim me ocorreu) a ACP tem a dizer sobre a formação do analista, quando o analista declara sua formação aqui. Como se manifesta a ACP sobre a formação, como a concebe e com que critérios a reconhece.

É verdade que ao redigirmos o atual regimento, estabelecemos parâmetros que nos puderam orientar. Mas o ineditismo de cada formação fez surgir, mais que uma vez, dificuldades de entendimento, imprecisões no nosso texto, vale dizer, no nosso acordo. Era preciso identificar melhor nossas imprecisões. Foi importantíssimo perceber, por exemplo, que quanto aos graus, nos escapava a incoerência entre o modo como se dava a participação nos graus Membro Optante e Analista da Associação, por um lado, e, por outro lado, a passagem ao grau de Analista Praticante, essa última sendo a única a ocorrer por uma espécie de declaração de intenções, mas que pela verificação de um real reconhecível por outros.

No momento atual, porém, penso que há algo muito interessante em curso, algo da ordem de uma mudança de enfoque desde as reflexões iniciais sobre esse tema e que já tem consequências práticas.

O fato de nos atermos à questão da formação do analista, resultou em maior atenção às formações em curso. Isso se demonstra por uma série de iniciativas, desde convites aos analistas para falarem de seu percurso de formação, até a recente admissão de um membro que, tendo prática clínica em psicologia, mas não em psicanálise, foi admitido no grau de membro optante (e não de analista praticante), mas receberá um encaminhamento da ACP, necessariamente acompanhado em supervisão, em uma solução pensada pela Comissão de Acolhimento para esse caso específico.

Parece-me então que caminhamos para um deslocamento das questões que nos movimentavam, partindo da tentativa de articular a formação na instituição (os tais critérios mínimos bem como suas dificuldades de aplicação)

para passar a privilegiar o *re-conhecimento, no próprio da formação de um analista, do percurso pelo qual se fez ou se faz essa formação*.

Digo re-conhecer presumindo um primeiro tempo no qual seja possível conhecer e, à distância, fazê-lo outra vez, de outra maneira: ali, onde um analista se faz saber (conhecer), *por seu ato*, surge a possibilidade de olhar para trás para saber (re-conhecer) o percurso de sua formação. Dessa forma o que torna reconhecível uma formação sendo o ato que a demonstra, o percurso inédito desse analista se demonstra, por essa experiência subjetiva, viável para a formação do analista, um percurso válido porque real nessa *específica formação*.

Essa perspectiva faz um giro desde os problemas iniciais, porque implica em outra coisa que estabelecer parâmetros que podem se tornar rígidos demais, engessando a formação em uma contradição com tudo o que resulta da noção de Inconsciente. O que se mantém, e se reforça, penso eu, é que os critérios estabelecidos como condições para a formação psicanalítica sejam mínimos. Realmente mínimos apenas suficientes para sabermos estar de acordo quanto ao que seja a Formação Psicanalítica. Ao mesmo tempo, que sejam permanentemente interrogáveis. Mas, além disso, me parece desejável, e também possível nesse momento, uma abertura maior para o único, o subjetivo, a mesma abertura que nos exige a clínica, a fim de podermos re-conhecer as diversas formações de analistas aqui.

1. Admissão a ser referendada em Assembléia.

A ÉTICA DA PSICANÁLISE E SUA RELAÇÃO COM A DIREÇÃO DA FORMAÇÃO

Patrícia C. G. Ribeiro Possato

O limite marcado por Lacan no seminário 7 para nossa ética é radical e trás a tona a própria experiência freudiana. Lacan desenvolve esse conceito

Onde se lê: O desejo essencial é o desejo de incesto, sua interdição necessária para que o sujeito subsista na fala, acesso à cultura.
substitui para: " Interdição do incesto não é outra coisa senão a condição para que o sujeito subsista na fala", acesso à cultura.

a partir da ética filosófica e dela faz distância, já que para o inconsciente não há bem ou mal. Há o registro das experiências e a convicção de que tudo que acontece de real é contabilizado em algum lugar.

O desejo essencial é o desejo de incesto, sua interdição necessária para que o sujeito subsista na fala, acesso à cultura. Inserir-se na sociedade como Um. "O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito, pois ele é o fim, o término, a abolição do mundo inteiro da demanda". Porém sua força mantém a dinâmica psíquica. A aproximação desse ponto é mortífera e a possibilidade de produzir significantes a saída para a subjetividade. Fazer borda no vazio que se aproxima é o possível para o ser humano, criação ex-nihilo. O compromisso apontado por Lacan é com a sublimação, e acrescenta que o Nome-do-Pai em sua função significante já intervém como sublimação.

A criação, obra é o testemunho da renúncia ao gozo, marca o compromisso com o desejo, como móbil para a subjetividade. É, portanto um parâmetro para a formação psicanalítica.

Lacan nos alerta dizendo que entramos com o que temos, ficando, portanto a essência de nossa ética longe da obrigação, já que compromissadas com o desejo na seguinte vertente: "agiste conforme o desejo que te habita?"

Aí está o único alimento para o percurso psicanalítico.

SOBRE O CARTEL

Fabiana Rovigatti Malacrida
Inácio Siqueira Lima
Luciane Rodrigues de Castro
Rodrigo Augusto Suárez Abreu

Ao propor uma escola atravessada pela experiência do inconsciente e renovável pelo reencontro com o real, Lacan, portanto, abre uma fenda nesse instituído e possibilita a retomada do movimento perdido.

Para Lacan, mais do que para qualquer outro analista, a invenção de condições institucionais que viabilizassem uma transmissão sem a primazia do recalque era fundamental, pois foi em sua própria vivência na instituição psicanalítica que ele se deparou, paradoxalmente, com a diluição, a denegação e, por que não dizer, a recusa da experiência freudiana original.

Lacan era habitado pela questão: como transmitir a experiência do inconsciente insistindo em uma continuidade entre experiência e instituição psicanalíticas?

Lacan para responder a questão do "como", introduziu os dispositivos do cartel e do passe, ambos produtores da abertura à experiência do sujeito e reveladores dos limites do saber em sua disjunção com a verdade.

Por acreditar na possibilidade de transmissão da psicanálise por outra via, Lacan faz da escola o locus de experimentação permanente e ou, como indica, o refúgio, o acolhimento para o mal-estar em suas relações com a diferença, o não-saber e o encontro com o real. É nessa perspectiva, por exemplo, que o cartel se apresenta como dispositivo-chave na articulação entre a psicanálise em intenção e a psicanálise em extensão, constituindo uma nova modalidade de laço social, onde cada um sustenta sua implicação com a produção e com o fundamento da experiência psicanalítica. Portanto, o cartel trás um efeito de marca – marca essa que é esperada por cada um de seus membros. O falar em nome próprio dá a possibilidade de cada um tomar a palavra, um a um, cujo produto próprio só se viabiliza através da transferência de trabalho. O cartel surge para sustentar a transferência de trabalho, visto que "o ensino da psicanálise não pode transmitir-se de um sujeito a outro, senão pelas vias de uma transferência de trabalho", assinala Lacan no final da Ata de Fundação da Escola em 1964. Desse modo, o cartel passa a ser o local de execução do trabalho dentro da escola, a partir do que Lacan recomenda que "se entre na escola não a título individual, mas a título de um cartel em que cada um leve, nesse pequeno grupo, o seu nome.

Introduzido em 1964, no ato de fundação da Escola Francesa de Psicanálise, posteriormente chamada de Escola Freudiana de Paris, a dimensão do postulado lacaniano sobre o cartel se revela, em sua plenitude, no a posteriori de um percurso, quando, em março de 1980, no momento imediatamente posterior à dissolução da escola, ocorrida em janeiro de 1980, Lacan insiste nessa experiência:

... dou partida à Causa Freudiana – e resto em seu favor o órgão de base retomado da fundação da escola - ou seja, o cartel -, cuja formalização, feita a experiência, aprimora:

Primeiro: quatro se escolhem, para prosseguir um trabalho que deve ter seu produto. Melhor dizendo, um produto de cada um e não coletivo.

Segundo: A conjunção dos quatro se faz em torno de um mais-um (plus un), que sendo qualquer um, deve ser alguém. Ele será encarregado de cuidar dos efeitos internos da empreitada e de provocar sua elaboração.

Terceiro: Para prevenir o efeito de cola, a permutação deve ser feita, no prazo fixado de um ano, dois no máximo.

Quarto: Nenhum progresso deve ser esperado, a não ser o de uma colocação a céu aberto periódica dos resultados, como das crises de trabalho.

Embora o cartel seja o órgão de base da escola, o mesmo não se confunde com ela. Tendo como característica a porosidade, pode ser constituído por analistas (de diferentes escolas), assim como por não-analistas, fato que permite a inscrição de outros discursos em sua constituição.

O cartel também viabiliza uma organização circular da instituição psicanalítica e combate os malefícios decorrentes da predominância do registro imaginário, tão bem explicitados em “psicologia das massas e análise do ego”, escrito por Freud em 1921.

Nesse texto, Freud considera o grupo uma estrutura que fomenta o recalque em razão de se sustentar na ilusão do amor pelo líder e na identificação com os pares, estabelecida pela instauração do líder no lugar do ideal do eu de cada membro. Na realidade, trata-se de uma estrutura binária que tem no líder, ou em algo que o substitua, o outro complementar. Sendo o líder quem, no grupo, congrega os ideais de completude, é pela via da fascinação amorosa, da transferência imaginária, que sua ação se situa. Um ensino orientado por essa perspectiva, portanto, situa-se na contramão da experiência do inconsciente.

Quanto ao cartel, sustentado pela lógica borromeana ($x + 1$), indica a presença de uma estrutura ternária, cujo núcleo é a falta, isto é, a incompletude e a diferença. Lacan nos dá indicação desse $+ 1$ como pertencendo ao registro do estatuto do sujeito inconsciente. Aquele que comparece na cadeia significante e desaparece, eclipsa-se como um “relâmpago”, o que dá sentido à

expressão por ele empregada em sua definição como uma “presença ausente, mas sempre desconhecida”.

A função do **mais-um**, à diferença do papel do líder, é presentificar a fenda que movimenta o trabalho, a transferência de trabalho. O **mais** não é, pois, o da série, nem o da adição; trata-se, ao contrário, do significante da separação, do corte, da não-junção, visto que “o **um** tem a função primordial de cortar a consistência imaginária e promover a identificação com o tema de trabalho, assinalando seu caráter de saber não-todo”.

Portanto, é na idéia de corte, e não da de resposta à demanda, que o **mais um** se constitui como um significante e favorece que cada um dos membros se responsabilize, efetivamente, pelo cartel, fazendo circular essa função entre aqueles que compõem o dispositivo.

No contexto da formação do analista, o cartel é por excelência, o dispositivo capaz de propiciar esse trabalho de escritura, ou seja, o espaço privilegiado para a experiência do desejo de saber e para a travessia da teoria.

Referências bibliográficas

- JORGE, Marco A. Coutinho (org.) “O cartel e o desejo de saber na escola”. Em: Lacan e a Formação do Psicanalista, RJ Contra capa livraria, 2006.
- KAUFMANN, Pierre. Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud a Lacan, RJ Jorge Zahar Editor, 1996.
- LACAN, Jacques. Escritos. RJ Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. Outros Escritos. RJ Jorge Zahar Editor, 2003.
- Roudinesco, Elisabeth. História da Psicanálise na França, A batalha dos cem anos. Volume 2: 1925-1985, 2003.
- SAFOUAN, Moustapha. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

DEBATES E REFLEXÕES

DUAS NOTÍCIAS DE CAMPINAS

Ricardo Goldenberg

Depois de muitos anos tive o prazer de, por duas ocasiões, voltar a trocar idéias com os membros da *Associação Campinense de Psicanálise*. Na primeira, conversamos sobre a supervisão e na segunda sentamos a uma mesa de debates, anunciada como *A formação do psicanalista lacaniano*, Durval Checchinato, Marco Antônio Coutinho Jorge e eu.

Quando da nossa primeira conversa, Israel Vieira me fez a surpresa de apresentar-me ao público lembrando uma tese que eu sustentara ali mesmo havia mais de quinze anos: *só se supervisiona um psicanalista*. Nossa conversa girou em torno das consequências de um princípio tal para uma instituição de formação, já que ele parece retirar a supervisão do currículo de ensino da psicanálise ou então comporta a aporia de dar por suposto precisamente aquilo que precisa ser alcançado: um psicanalista.

Penso que deixa de ser um paradoxo se entendemos aquela afirmação como um lembrete dirigido ao supervisor, mas que nada diz em princípio sobre seu supervisando. Com efeito, assim como ao escrever um artigo não posso cometer a indelicadeza de imaginar-me mais qualificado que o leitor no tema sobre o qual escrevo, ao receber alguém para supervisão devo partir do princípio de que ouvirei falar de nada menos que uma psicanálise em andamento. Pode tratar-se de uma análise problemática, ou com cuja condução eu esteja em desacordo, mas tratar-se-á de uma psicanálise e meu colega será o psicanalista encarregado, em qualquer caso. Se, no decorrer da conversa, revela-se que se tratava de outra coisa: um pedido de ensinamento, um pedido de análise, enfim, uma demanda de reconhecimento ou de legitimação... bem, então, poderei concluir que aquilo não era uma supervisão e assim será comunicado a quem de direito. Nunca antes, porém, de ouvir o que o interlocutor tinha a me dizer.

Marco Antônio fez, aqui mesmo, durante a sua exposição na mencionada mesa redonda, uma observação assaz interessante sobre a posição da supervisão entre o ensino da teoria e a “transmissão” da prática, ao sugerir que se a primeira se funda em um conhecimento universal, e a segunda implica em um saber singular, a supervisão se encontra encavalada entre ambos não sem conflito, como se fosse um sintoma. A idéia de que a supervisão pudesse ser um

sintoma da psicanálise mereceria um exame mais apurado, já que ela não seria um sintoma no mesmo sentido em que Lacan sugeriu que a própria prática psicanalítica seria um. A supervisão seria o sintoma da formação psicanalítica. A idéia é muito boa e merece ser trabalhada.

Já na mesa sobre ensino, fiz uma brevíssima reflexão sobre a *certeza*, sugerindo comparar diferentes modalidades da certeza: a do matemático, a do paranóico, a do religioso e a do crente, com a finalidade de pensar o que acontece com ela depois da queda do Sujeito Suposto Saber.

A aprioricidade da matemática, fundamento da certeza do matemático, deve haver-se com um ponto de inconsistência ou de incompletude, demonstrado por Gödel, que lhe é inerente, como um limite real do simbólico, que pode ser homologado com nosso conceito de castração e de umbigo do sonho.

Para o paranóico, seu Outro é conhecido e lhe quer mal, sem dúvidas. Já para o homem de fé a dúvida está interditada (cf. *O Credo quia absurdum*, de Tertuliano), diferentemente do crente, que a projeta no Outro, o que não crê (cf. O magnífico filme de Henry Bean *The Believer*, em português: *Tolerância zero*).

Isso tudo para perguntar de que modo se reconhece um Outro depois da análise, já que a história do movimento psicanalítico mostra uma enorme dificuldade quanto a este ponto específico. Desde o “todos sob suspeição, menos o Mestre” (Jung brincava com que cada vez que um colega discordava de outro, no Grupo das Quartas Feiras, este último mandava o primeiro examinar a sua discordância... na sua análise!), passando pela empáfia de interpretar os outros a torto e a direito, como se o interpretador fosse o dono da verdade universal da humanidade, até o “pacto mafioso” de não tocar no tema da própria análise nem na do sócio, que antecedeu a formação da primeira instituição filiada ao lacanismo internacional no Brasil (por este pacto, todos os fundadores começavam tendo direito ao título de AE, sem terem dado qualquer prova perante ninguém de fazer jus ao apelativo: só seriam julgados e por eles os que viesssem depois).

Pelo mesmo motivo, decidi deixar de falar em público da minha clínica, a não ser em pequenos grupos de comprovado respeito entre colegas, já que expor o que se faz equivale a expor a própria divisão (castração), e isso acaba funcionando frente ao grupo como um reasseguro de que o único castrado ali seria o expositor. Nossas comunidades costumam agir como aquele grupo de meninos assustados que se embrenharam na mata, e que caçoaram o tempo todo

do único que tinha confessado estar com medo: ele servia como ao-menos-um-covarde, para o grupo ficar coeso como grupo de valentes.

Para avançar na dialética do reconhecimento propus repensar o modo como Hegel a pensava, sem esquecer o “Tu és meu Mestre / minha Mulher”, de Lacan, à luz do primeiro encontro entre Jeanne D’Arc e o futuro rei Carlos VII (falo do dilema do Delfim, o Conde de Ponthieu, quando viu aquela menina magra, vestida como um pagem, prostrada aos seus pés a dizer-lhe: “Tu serás o próximo rei da França!”: Ele devia optar entre chutá-la para fora do acampamento, como uma doida ou reconhecê-la como uma iluminada. Sabemos, pelo desfecho, a opção que ele fez).

Isso tudo para chegar a perguntar o que estamos dizendo ao Outro quando lhe dirigimos um: “Tu és analista”. Qual seria a mensagem invertida para o emissor? “Sou teu paciente”? Não, isso aconteceria se dissesse: “Tu és *meu* analista”, instituindo desta feita o Sujeito Suposto Saber. Em compensação, do “Tu és analista” deve deduzir-se que “Sou teu colega (por poder dizer-lhe com certeza)”. Enfim, o problema, e este foi o último ponto levantado para o debate, é que está longe de estar claro *quê* reconheço no meu semelhante quando afirmo ver nele um psicanalista...

CONTO, VERSO & PROSA

HISTERIOLOGIA

Regina Moran

A arte de estofar cadeias significantes.

Rebita-se um ponto solto para libertar do agrilhoamento outros quantos!

A partir de secções de dura ação variada.

Esta a meu viver é a prática na análise Lacaniana.

O discurso que ejeta esta fala, é nomeado ou não.

Continua a desalojar palavras, e no contexto da análise difere.

De forma muito nova para tantos quantos tiveram

a vivência e experienciaram a palavra como amordaçada.

As palavras detonadas nos discursos.

Os discursos percorrendo uma superfície aletosférica.

Mentira ou verdade, fáceis particuladas de uma sondagem que visa o vazio.

Os interstícios que determinam e revelam a articulação das fases particuladas

por significantes sólidos na imagem e acústica dos agregados cuja densidade só o vazio define.

Correlações de estrutura e função: discurso-fala.

Tédio da escuta da repetição que progride nos sulcos dos significantes. Solidamente ocupam todo o espaço discursivo, aí onde os interstícios são mínimos?

Nas sessões os cortes, as secções, as interrupções, as suspensões, os cruzamentos.

Sondas apropriadas de um vazio que resiste ser a-mostrado.

O mais freqüente, o abundante, são os sulcos densamente particulados de significantes.

Por eles escoa uma pulsão que pede passagem, e para seguir enfrenta e ignora interstícios móveis.

Onde estamos?

Nas fases densamente particuladas de significantes pelo sujeito do cogito. Sondagem da rarefação é a arte da análise.

Campos onde os significantes se espaçam, entre vácuos produzem o sem sentido.

Vácuo que revela o negativo de uma repetição na verossimilhança das faltas. Cortes que buscam revelar não os sólidos no meio opaco.

Mas a opacidade que acolhe o meio sólido.

Psicanálise: no negativo da estereologia, positivando a histeriologia.

O estudo do que falta como correlativo do que tem presença.

Enfim, inferências de forma e volume nas fases particuladas dos significantes a partir de cortes que revelem o meio das faltas que os envolvem: só a partir de cortes, já que a reconstrução completa não é possível e talvez nem desejável.

Os moinhos da fala, modelos subjacentes, destes discursos de onde as falas se articulam ou não, emperram.

Os geradores que movem nossas pulsões nestes moinhos.

É disto que se trata: onde é que se articulam as descontinuidades destas fases particuladas? Acaso o conhecimento da distribuição das partículas, dos significantes não revelará onde faltam?

O desvendamento da sua produção e a previsão do lugar da falta.

Distribuição de significantes? Não.

Desvelamento das possíveis distribuições dos interstícios.

Dos meios. Dos ausentes. Do vazio que acolhe o significante.

Este na sua materialidade de imagem acústica, o outro o meio da falta.

Cortes para revelar a ausência através da distribuição da freqüência: do significante!

Ex-sistência teimosa e ignorante da possibilidade dinâmica da contínua plasticidade das configurações discretas de meus significantes na opacidade do contínuo vazio que os acolhe e onde circulam.

Esta a minha conquista da nova forma- de- ação, plasticidade onde antes havia um engarrafamento de significantes simulando uma impossibilidade de um contínuo por justaposição do discreto a mascarar a imersão constitutiva nos vazios do real que é a vida.

Significante? Seqüência infinita de sondas reveladas na opacidade contínua da falta, partículas de imagem e som, testemunhos de vida.

Vida, possibilidade de movimento, possibilidade de transformação, plasticidade no meio contínuo que é o real de apreensões significantes.

Des-cristalização dos caminhos, pontos que estofam antigas configurações e liberam para novas na energização das vizinhanças vazias abertas , novos veios, abertura de novas circulações.

Poder de não fazer mais do mesmo, poder de fazer mais com o mesmo, e mais. O subconjunto dos significantes permanece e o potencial de novas configurações se revela.

Poder de não fazer mais do mesmo, poder de fazer mais com o mesmo.

Na histereologia não há como enganar-se: a estereologia como estudo das fases particuladas é simultaneamente o estudo do meio que as acolhe.

O estudo da presença é o estudo da falta dela em algum lugar.

A escuta do significante é a escuta de sua falta.

O corte na falta sonda a imensidão do vazio sem o quê o novo não circula.

Vida a correr no vazio, vida presente na sua ruptura, particulando na palavra, sua discreta singularidade.

A morada do ser humano é a palavra?

Parece óbvio?

Esta era a afirmação que eu tentava me demonstrar: sem c.q.d. com se é que dá!

OBS. Estereologia é a área de pesquisa que diz respeito à inferência sobre estruturas espaciais baseada em amostras, principalmente de dimensões menores, ou seja, planas ou lineares. Exemplos de áreas de aplicação são a metalurgia, tecnologia do papel, cerâmica, petrologia, mineralogia, e pesquisas médicas e biomédicas.

Por exemplo: as diferenças de tamanho de distintos tipos de sinapses em diferentes níveis de camadas moleculares. Ou ainda as mudanças no número e na estrutura das células de órgãos lesionados. Exemplos de amostras de menor dimensionalidade são: fotografias aéreas, lâminas para exame microscópico, superfícies polidas de metais, amostras de solo, escavação geológica, uma fatia de mortadela ou de queijo emental. O que aparece nos registros dos mais variados exames ditos complexos: por exemplo, tomografias e ultra-som. Enfim, a investigação de características geométricas de estruturas espaciais, em geral imersas em meio opaco, a partir de amostras também geométricas está

latente neste texto, Histeriologia. A metáfora é de que a voz da histérica quando fala emite partículas de imagens acústicas, amostras do universo de suas marcas, que captadas durante a escuta do analista, recuperam traços das estruturas significantes geradoras da fala em escuta. E assim revelam o meio da imersão, a falta, que pode então ser inferida, pelo analista, que pode devolvê-la no discurso do sujeito.

ENTREVISTA

A PSICANÁLISE EM CAMPINAS

Dr. Roberto Silveira Pinto de Moura

Roudinesco termina seu livro Jacques Lacan; esboço de uma vida, história de um pensamento/1994, com a esperança que a psicanálise possa revigorar seu gume e nos adianta:

“Uma coisa é certa, em todo caso: eles não crêem mais, como outrora, na superioridade de uma técnica sobre a outra, e, embora querendo-se rigorosamente freudianos, tentam modificar sua escuta do inconsciente levando em conta as transformações ocorridas de dez anos para cá não apenas no movimento psicanalítico mas na fala mesma dos analisandos. Pois estes mudaram: seu mal estar é mais visível e sua demanda de ajuda é tanto maior na mediada em que são confrontados cada dia com os poderosos ideais do êxito social, do consenso liberal, do fanatismo, do oculto e do cientificismo. E eles reclamam algo mais do que escansão, um matema ou um cronômetro . Também eles perderam as referências que permitiam à geração precedente escolher tal técnica, tal teoria, tal escola. Esses praticantes e seus analisandos, é provável que dêem força, uma vez mais, à invenção freudiana”

Nesse sentido, em seu percurso, vive a muitos anos em Campinas seu primeiro psicanalista Dr. Roberto Pinto de Moura pioneiro do departamento de Psicologia Médica da FCM/Unicamp.

O ENCONTRO

Numa sala ampla, a secretária pede que eu o espere na sala ao lado. O ambiente é composto por móveis antigos e mesa com flores, em uma das

paredes quadros com paisagens e em outra, pinturas retratando figuras humanas. Na parede oposta Morte e Vida Severina de João Cabral de Mello Neto-miséria e sofrimento humano.

Percebo que não perdeu a jovialidade nem mesmo a abertura ao diálogo. Oitenta e dois anos divididos entre seu consultório, o ensino de psicanálise e a paixão pela literatura. Sua fala revela, quando me convida para entrar, a seriedade com que trabalha e o entusiasmo com que me acolhe para a entrevista, um mero desconhecido. Seu consultório sóbrio abre as janelas para a catedral de Campinas que pontualmente bate o sino na hora marcada. Entre os quadros, no seu interior, um impõe seu estilo e sua admiração por Freud quando já velhinho, sentado em sua escrivaninha escrevendo um de seus últimos trabalhos.

Peço para que ele fique à vontade para falar o que deseja, mas logo diz que teria que começar por sua história para contar sobre a psicanálise e seus primórdios em Campinas e a importância de seus pais no início de sua trajetória.

A FAMÍLIA

Seu pai, em sua mocidade, conhecera e se fizera amigo de Dr. João Cortes de Barros, um neuropsiquiatra, que lhe deu notícias a respeito das obras de Sigmund Freud, e que, mais tarde mudou-se para o Rio de Janeiro, tornando-se o presidente da Associação Brasileira de Psicanálise. Tocado pelas idéias freudianas apesar de sua rígida formação religiosa, seu pai, Dr. José Pinto de Moura se beneficiou muito com elas, e, durante vários anos, incluiu ajuda psicoterápica a seus clientes, como complementação a suas intervenções como médico clínico.

Mais tarde, freqüentando curso do professor norte-americano Wilson, junto com outros médicos paulistas, pôs-se a par da moderna Cardiologia, adotando-a como especialidade e introduzindo-a em Campinas.

A especialização não impediu que aumentasse o seu interesse pela psicanálise, aderindo à Medicina Psicosomática, na época uma novidade, escrevendo trabalhos científicos sobre o assunto e, em 1963 publicou um livro, "Neurose Cardíaca" mostrando a influência das emoções, problemas e conflitos sobre distúrbios do coração.

Como cardiologista, foi o maior incentivador da fundação da Sociedade Brasileira de Cardiologia, cujo primeiro congresso nacional, por sua causa, foi realizado aqui, bem como a comemoração do 25º aniversário da entidade.

O crescente interesse pela Psicologia tornou Freud um assíduo "freqüentador" de suas conversas com a família, o que influiu sobre dois de seus filhos, que na mocidade se tornaram psiquiatras. Além das marcas deixadas por esses fatos outros, tiveram grande peso na vida de Roberto e de seus irmãos. Assim, o interesse dos pais pelos temas culturais. O progenitor, além das atividades científicas e ao entusiasmo por elas, que trazia sempre à luz, era portador de apreciável bagagem humanística. Quanto à mãe, carioca, viveu no Rio, então capital cultural do país, em contato com as grandiosas manifestações das artes e da literatura, que provinham de escritores e artistas brasileiros e estrangeiros. Isso transmitiu, à vida dos filhos, extremo amor aos livros, à poesia e às artes em todas as suas formas, mas incentivada também a prática de esportes, completando-os assim, os dois fatores importantes para o bom desenvolvimento espiritual e físico.

"Embora meu pai fosse médico, a ruína financeira por ele sofrida em consequência indireta do 'crack' da Bolsa de Nova Iorque, nos deixou com limitadas condições financeiras e econômicas, vivendo do que ele auferia com seu trabalho profissional, e daí ter tido pouca importância, em nossas vidas, a preocupação com status social, possessividade, vestuário chamativo, bem ao contrário, nossos pais nos deram condições de podermos distinguir o supérfluo proveniente das mãos da vaidade, para vestir aparências e o conteúdo espiritual, que dignifica a vida do homem. Mostraram-nos os aspectos bons e maus da realidade, incluindo enorme sensibilização às diferenças socioeconómicas vigentes na sociedade humana; não fomos criados com preconceitos de espécie alguma, e o critério que tínhamos para distinguir as pessoas, era sua formação moral e qualidades humanas. E esse aprendizado era sedimentado com atitudes e atos deles, meu pai cuidando de pobres e ricos, como médico, no consultório ou junto aos leitos dos tuberculosos da Santa Casa de Misericórdia, e minha mãe fazendo a caridade que podia a moradores de um cortiço próximo a nossa casa".

ADVOCACIA

Adolescente, queria dedicar-se à advocacia. Tinha êxito no estudo ginásial das ciências humanas, amava o debate.

"Imaginava-me atuando nos julgamentos, na luta das argumentações. Mas li, na época, Os Miseráveis, de Victor Hugo, e fiquei impressionado ao ver o quanto a justiça poderia ser injusta, a lei me parecendo um instrumento "burro", por estabelecer medidas e avaliações absolutas e não dando abrigo ao relativo, às circunstâncias e motivos dos atos e dos infratores. Sob força de

uma proibição taxativa, “Não Furtaras” punia um homem que roubara um pão para matar a fome de uma criancinha. O gesto de bondade virou crime, e seu autor, castigado pela maldade de seus julgadores, tendeu a se transformar em um monstro de ódio e rancor. Fiquei pensando, sem maiores conhecimentos sobre o Direito, nos meus verdes dezesseis anos, que não poderia condenar Jean Valjean, que fizera um bem e não um mal, além de que a sociedade era a criminosa, criando condições de miséria e sofrimento a milhões de pessoas. Mas também não poderia absolver alguém como ele e livrá-lo das galés, considerando o estado emocional a que o conduziram, pondo em risco, à frente de sua possível vingança, pessoas inocentes, que nenhum mal lhe haviam feito. Preferi, então, estudar medicina.”

O JORNAL

Tendo ingressado, após exame vestibular, na Escola Paulista de Medicina, escola particular, portanto paga, ali pelo terceiro ano verificou que não poderia prosseguir no seu curso se não tivesse um emprego para custear o custeá-lo. Conseguiu trabalho em um jornal, o “Diário da Noite”, onde foi repórter e, mais tarde, no Diário de São Paulo, que durante seu último ano como jornalista, o representou junto às atividades da Câmara Municipal da Capital, noticiando suas atividades e criticando-as em crônicas cotidianas denominadas “Bancadas e Galerias”.

Apreciou a inteligência de Jânio Quadros que nessa época era “fantástico, impressionante. Lembra com detalhes como ele “derrubou” o secretário de saúde com apenas um discurso mais ou menos assim... “O senhor é um menino peralta, levado da breca”, imitando o estilo de Jânio que se tornaria inconfundível, abre um sorriso como se o fato estivesse acontecendo naquele momento de nossa entrevista. E de outra quando Jânio fez todo o trajeto dos carros da prefeitura para saber a quilometragem e quanto os vereadores gastavam de seu orçamento em combustível. Tornou-se amigo de Jânio Quadros, mas isto não lhe retiraria o espírito crítico aguçado, recordando que só elogiou, em seu jornal, um vereador que saiu da Câmara com úlcera quase perfurada, pois este havia passado quase três horas atacando a malandragem do auxílio aos esportes (futebol), só de fachada, para benefício dos próprios vereadores.

“Ingressei com a atividade de jornalista profissional, em outro mundo. De um simples morador de uma cidade de então dois milhões de habitantes, passei a observador e crítico dos costumes, conhecendo a ela, e por meio dela, mais profundamente o ser humano. Um dia entrevistava um visitante, ministro de algum país, ou técnico ou artista famoso, em outro lá estava ocupado com o

despejo imposto a pessoas pobres, moradores de um cortiço ou porão. Tudo que vi e que participei me dividiu em dois, entre o mundo dos jovens que de avental branco, aprendiam a arte de curar, e o dos miseráveis dos cortiços e porões, membros anônimos da massa que enchia de cabeças e de passos apressados as ruas centrais. Na Câmara, um punhado de idealistas, que querendo corrigir os defeitos e mazelas da cidade e outros venais ou narcísicos, usando truques para ganho de propinas e favorecimentos pessoais. Aprendi a admirar o talento de uns, e lamentar a ignorância e cupidez de outros.”

Sua carreira jornalística começou a chegar ao fim quando um novo diretor, ao assumir seu cargo, coerente com suas idéias reacionárias, da Direita, impediu a publicação de uma de suas crônicas, em que criticava a ação da Polícia do Rio, que agredira populares empenhados em manifestação democrática contra a Lei de Segurança Nacional. Percebeu que daí em diante teria de ser subserviente ao seu fascismo, e tendo se tornado socialista, como um desenvolvimento do cristianismo em que fora educado, preferiu (queria ter liberdade) deixar o cargo, do que ser reduzido a um simples noticiarista, e terminar o curso de Medicina, que havia procurado, e que estava chegando a seu término.

“Deixava o jornalismo pela aquisição da profissão de médico com valioso aprendizado prático das ciências humanas, nas lides da profissão, mas desfeita a minha ilusão juvenil de que podíamos, nós jornalistas, só com nossas máquinas de escrever, mudar o mundo. Os escritos pouco poderiam influenciar nossos costumes: permaneciam em ação todos os fatores que criavam miséria moral, social, psicológica. Como médico, sim, tinha esperança de contribuir para sanar males, embora individualmente”.

Para resumir nossa conversa, respira fundo e diz: vivi a vida de São Paulo. Um dia estava com o ministro da Bélgica, outro dia com o caminhão de lotação com desabrigados que estavam sendo expulsos... O Ibirapuera era só mato. Tudo isso foi me vacinando. Quando cheguei ao sexto ano, fiquei pensando qual seria o destino daquilo tudo (jornal) ficar pendurado no banheiro ou embrulhar carne no açougue. O que eu poderia ajudar?

PSIQUIATRIA / PSICANÁLISE

Convidado por Dr. Otávio Bierrembach de Castro, fundador e proprietário da Casa de Saúde que tinha o seu nome, e que era amigo de seu pai, a fazer parte de seu corpo médico estava desejoso de conhecer a psiquiatria.

“Ali aprendi a parte prática da lida com as enfermidades psíquicas, absorvendo também conhecimentos teóricos, que completei com a leitura de vários tratados de psiquiatras brasileiros e europeus. Minha colaboração com o hospital durou para cerca de trinta anos, de inicio junto com o fundador e com os Drs. João de Souza Coelho e Décio Bierrenbach de Castro”.

Dispunham os psiquiatras, na época, de escassos recursos terapêuticos, consistentes em hipno-sedantes e anticonvulsivantes, e tal pobreza só diminuiu com a introdução do eletro choque para convulsoterapia, e do tratamento pela insulina, dada em doses crescentes, para provocar uma série de comas hipoglicêmicos. Tais tratamentos que tenderam a ser usados com exagerada generalização a muitas enfermidades, se mostraram úteis no tratamento da esquizofrenia e psicose maníaco-depressiva (hoje chamada doença bi-polar). A respeito destas e de outras enfermidades, pairavam muitas hipóteses etiopatogênicas entre elas até frutos de fantasias, e os tratamentos citados resultaram da ocorrência de fatos casuais e observações empíricas, e a psiquiatria estava esperando o desenvolvimento de ciências básicas, como a Fisiologia e Psicopatologia cerebrais, da Bioquímica, para obter maiores conhecimentos do funcionamento do aparelho psíquico. Por outro lado, o contato com os doentes lhe mostrou que os novos tratamentos não extinguiam certas idéias delirantes e obsessões, não influindo também nos aspectos anormais da personalidade dos enfermos.

“Além disso, eles tendiam a tornar o médico um “mecânico” da mente. Não era essa a psiquiatria que procurara encontrar, guiado pelo desejo de entrar nos aspectos fascinantes da alma humana, incluindo seus desvios e anormalidades de seus sentimentos e idéias. Além dos citados contatos tidos com a doutrina de Freud, através de meus pais, assisti a muitos filmes (Madona das Sete Luas, O Sétimo Véu) li livros que tratavam da ação de traumas e conflitos, criando enfermidades (As Três Máscaras de Eva), as obras de Dostoievski, uma trazia uma coleção de relatos de situações psicopatológicas; e tudo isso, a juventude me encaminhou para a psiquiatria. Comecei a conversar com os enfermos, procurei contato com as famílias, para confirmar dados e modificar situações ocorridas nos seus lares, e, principalmente, passei a ler as obras de Freud. A descoberta feita por Breuer, da formação de sintomas por lembranças inconscientes de traumas me levou a aprender a usar o hipnotismo, e durante alguns anos colecionei dados que reputaram preciosos, até hoje guardados em cadernos cheios de anotações. Mas eu já não precisava limitar-me a colher recordações, podendo, após tal colheita, ajudar os pacientes a entenderem suas desventuras, guiado pela doutrina freudiana, buscando interpretar o sentido profundo de seus sintomas, formados pela

necessidade defensiva de eliminar a conscientização de impulsos, sentimentos, lembranças, conflitos, resultantes da errônea “educação” amestrante e recalculadora impostas pelos adultos às crianças. Inúmeros fatos e aspectos patológicos descobertos por Freud, eu tive a fortuna de ver repetido em meus pacientes”.

“A psiquiatria tradicional deixava, assim, para mim, os neuróticos, e ficava com os psicóticos, até que incluí em minhas lides alguns destes, também, com o mesmo intuito de libertá-los, e de conhecer a alma humana. Tive de enfrentar alguma oposição de meus colegas, bem como de outras pessoas, embora, felizmente, a Psicanálise já fosse mais aceita. Mas, apesar disso, fui demitido da extinta Escola de Enfermagem Madre Teodora, por ter incluído Freud nas aulas de Psicologia Médica, e houve um sacerdote que aconselhou sua paciente a deixar meu tratamento porque eu era um “freudista, comunista e ateu”... Em contraste com isso, outro instituto da mesma Universidade Católica, a Escola de Serviço Social, a ela agregada e dirigida por uma freira, me convidou para lecionar Psicopatologia, o que fiz com plena liberdade.

“Fui depois contratado para lecionar Psicanálise no Instituto de Psicologia da mesma universidade, o que fiz durante mais de três décadas, por indicação de seu então diretor Luís Otávio de Seixas Queiroz, graças à largueza de seu espírito científico, que, assim instalou a ciência de Freud na instituição, apesar de ferrenho behaviorista. Continuava com meu autodidatismo iluminado pelos freudianos, até que deparei com um complicado caso, que me solicitou muito empenho e dispêndio emocional, fazendo-me decidir, que, já tendo possibilidades financeiras para custear a dispendiosa formação psicanalítica, deveria realizar minha análise pessoal em São Paulo.”

Uma paciente piorou muito e como não conseguia ajudá-la, percebeu que estava bancando aprendiz de feiticeiro e resolveu “aprender feitiçaria mesmo”, foi a São Paulo experenciar a doutrina psicanalítica sistematizada e fazer sua análise pessoal ao longo de seis anos com Isaias Melsohn.

“Por seis anos realizei todas as exigências curriculares da Sociedade: seminários, aulas teóricas, centenas de horas de supervisão sob o talento de Virginia Leoni Bicudo e Judite de Carvalho Andreucci. Apresentei o resultado disso em relatórios clínicos diante do Instituto de Ensino, e, por alguns anos mais, freqüentei as reuniões científicas e alguns cursos propiciados pela instituição. Todavia, diante de grandes mudanças nela ocorridas com respeito a pontos de vista teóricos e técnicos, não me senti de acordo e confortável com

o que passou a existir no seu seio, e me afastei para um exercício da especialidade por conta própria e guiado pelos autores que continuei lendo”.

UNICAMP

Antes disso, fundada a Universidade de Campinas, foi chamado por Zéferino Vaz, que se dizia fervoroso adepto da Psicanálise, e, sendo o único médico de Campinas que a cultivava, o convidou para fundar o Departamento de Psicologia Médica na Faculdade de Medicina (hoje Ciências Médicas).

“A incumbência era muito acima de meus méritos e experiência, e fiz ver ao prof. Zéferino que eu era apenas médico de consultório, tendo trazido da escola de medicina uma justa admiração por muitos de meus mestres, a ponto de considerar um professor como possuidor de um grande cabedal científico; queria pertencer à Universidade como assistente, adquirindo mais conhecimentos. Como ele me havia convidado pelo fato de estudar psicanálise, levei o assunto à Sociedade Psicanalítica, mas não soube de ninguém que se interessasse pelos encargos ou pudesse arcar com eles. Passou a ser, para mim, um dever segurar em minhas mãos, temporariamente a possibilidade de a Psicanálise, por meu intermédio, antecipar seu ingresso na Universidade e até de evitar o possível risco de perder a oportunidade a ela oferecida. Isso, entretanto me trouxe um acúmulo de obrigações, pois não tendo título universitário, apesar de reger o novo departamento, era qualificado apenas como “instrutor de ensino”, ganhando a menor retribuição financeira da escala de docentes paga pelo governo do estado. Assim, não podia deixar meu consultório, e ainda teria que ir a São Paulo várias vezes por semana, para pesquisas, com a finalidade de começar minha carreira docente, mestrado e doutoramento. Impossível fazer isso! Dormia de três a quatro horas por noite e nenhum dos meus alunos podia comprar as Obras completas de Freud, não podia exigir isso, não tinha cabimento.”

Enormes foram os sacrifícios que fazia entre eles o de dormir poucas horas, as demais usadas no ensino, consultório, trabalho na Casa de Saúde e no empenho em dar assistência e sustento à família. Tentou aumento de proventos junto à Universidade, mas isso dependia de conquistar os títulos necessários. Passou, então, apenas a dar aulas por contrato e sem vínculo empregatício, depois de dois anos nas lides para manter funcionando o departamento que lhe fora confiado. Os alunos tiveram ampla exposição das várias doutrinas psicológicas e conhecimentos básicos de Psicologia e de Psicopatologia, para que pudessem conhecer e entender a doutrina freudiana, sua importância, bem como os problemas psíquicos dos seres humanos. Ficou com a Psicologia

Médica lecionada como aplicação da Psicologia à Medicina, realçando-se a relação do médico com a doença e a pessoa do enfermo, e os aspectos emocionais de tal relação e da enfermidade. Quanto à psiquiatria foi confiada a outros profissionais liderados por seu irmão Decio Silveira Pinto de Moura e Benedito Artur Sampaio, ambos com formação obtida em São Paulo. Procuraram também o Departamento e dele fizeram parte, uns por mais, outros por menos tempo, os Drs. Claudio Fernandes, Ismael Gripp, Joel Giglio, Sully Urbach e Wilton Viana.

Não permaneceu na cátedra da Unicamp, hoje poderia estar aposentado por esta universidade e recuperar o sentido que esta profissão tinha para ele. Uma verdadeira paixão pelo ensino.

Hoje quando olha para aquela universidade que viu nascendo ainda no prédio da maternidade com a reitoria e aulas na Santa Casa (terreno doado por sua tataravó para um hospital para pobres e um colégio para órfãos e que funcionou até...) senti saudades e certo pesar. *“Então foi essa minha vida.”*

PUCCAMP

Enquanto isso seu curso na Puccamp se estendia através de três décadas, versando sobre toda a obra de Freud e o essencial de Melanie Klein, graças ao apoio dos diretores do Instituto de Psicologia, Saulo Monte Serrat e Diana Tosello Laloni, embora não adeptos da Psicanálise, mas devido ao seu posicionamento liberal, em ciência. Alguns anos depois, o curso foi repartido com seu ex-aluno, hoje doutor, Sebastião Elyseu Junior.

Veio a ditadura militar e consequentemente dois professores foram “demitidos” pela madre superiora e seu diretor, correndo riscos de ser penalizado os apóia, mas como tinha muito prestígio junto às suas alunas e...

“Tive que mostrar a ele que o conceito de experiência dependia do objeto estudado (ex. namorado com ciúmes). Os ratos e cachorros nos ensinavam sobre nossa parte animal, mas a parte humana não podia ser atingida a não ser por métodos subjetivos. Não dei o complexo de Édipo assim como: a criança queria matar o pai por ciúmes e casar com a mãe. Comecei pelos antecedentes sociais, culturais da medicina do século XIX, pois lá que iria nascer a psicanálise com a histeria, hipnotismo e depois a psicologia do sec. XIX, fazendo as alunas pensar de modo humanista até chegarem ao nosso século onde as doenças só eram vistas através de causas biológicas, mas não achava lesão nenhuma, disfunção plausível nenhuma e eram considerados como tara hereditária, degenerados. Era necessário percorrer desde a antiguidade grega para elas irem sentindo a caminhada e não jogar alguma

coisa que poderia ser traumática (matar o pai, matar a mãe, etc...). Passados alguns anos quase não tinha mais candidatos a disciplina behaviorista e em contrapartida um fluxo imenso para a psicanálise, pois ensinava as alunas algo que fazia sentido, com um respeito profundo ao ser humano, a única coisa importante que transmitia a psicanálise. Freud dizia que tudo fica gravado no inconsciente e isto era a psicanálise (ex. narcoanalise- fala de criança). Com o tempo fui “comprovando” as idéias maravilhosas de Freud, as teorias maravilhosas do gênio de Freud, mas também preservei minha crítica como, por exemplo, sobre o Prazer/ Biologia e a Agressividade / Pulsão de morte.”

O ensino de Psicanálise não se cingiu às aulas dadas na Unicamp e Puccamp. Mesmo depois de formadas, muitas de suas alunas o procuravam pra estudarem Psicanálise incluindo supervisão de seu trabalho como profissionais. A imensa maioria de psicólogos e psicólogas da cidade recebeu dele seu “batismo”, como também alguns psiquiatras. Ainda hoje, apesar da avançada idade, tem grupos a quem dá um curso que chama de Freud para Iniciantes. Fez muitas palestras, e hoje está preparando “dois pequenos livros” a serem publicados o mais breve possível, organizados de acordo com o programa que elaborou para aulas no CEFAS, órgão de ensino dirigido pelo psicanalista Antonio Terzis.

“Escrevi muito, mas publiquei pouco. Realço um capítulo do livro “Construção Social da Enfermidade”, várias dissertações em jornais locais, sobre a psiquiatria. um comentário ao trabalho publicado por Freud sobre o “Homem dos Ratos (Um caso de neurose obsessiva) comentário este que foi impresso no jornal dos alunos da Sociedade de São Paulo. Sou dado à literatura, e tive um conto publicado no Diário de São Paulo com o título “Helena Existe”, como também sucedeu a dois ou três poemas, além das muitas crônicas que tiveram o título geral de O Drama Cotidiano, sobre fatos e costumes da cidade de São Paulo. De resto, outras produções dormem nas minhas gavetas à espera do término de minhas atividades médicas.”

A maturidade lhe conferiu alguns direitos, mas sua grande paixão continua sendo suas histórias e quem sabe um dia pretende dividí-las conosco.

Campinas, novembro de 2008.
Israel Vieira

AGENDA

PROGRAMAÇÃO 1º SEMESTRE 2009

Leituras em Psicanálise

A OBRA DE SIGMUND FREUD

Para uma introdução à obra freudiana e para os interessados em retomá-la

Freud Pensador da Cultura I

Coordenação: Analistas da ACP
3as. Feiras, das 18h30 às 20h00
Início: 03/03/2009 (encontros semanais)

A OBRA DE JACQUES LACAN

Seminário II: O eu na teoria técnica de Freud e na técnica da psicanálise

Para os que desejam se introduzir na leitura dos Seminários.
Coordenação: Regina Steffen
3as. Feiras das 20h15 às 21h45
Início: 03/03/2009 (encontros semanais)

Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

Inconsciente, repetição, transferência e pulsão - fundamentos conceituais da psicanálise.
Coordenação: Lúcia Bertazzoli
6as. Feiras, das 08h00 às 09h45
Início: 06/03/2009 (encontros quinzenais)

Seminário XV: O Ato Psicanalítico

O que é o ato psicanalítico? Eficácia simbólica? Implicações práticas da psicanálise.
Coordenação: Patrícia Ribeiro Possato
6as. Feiras, das 10h15 às 11h45
Início 06/03/2009 (encontros quinzenais)

Seminário XVI: De um Outro ao outro

“A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala”.

Coordenação: Walkíria Grant

6as. Feiras, das 10h15 às 11h45

Início 13/03/2009 (encontros quinzenais)

Seminários

Psicanálise com Crianças

Coordenação: Adriana Fiori

2as. Feiras, das 20h00 às 21h30

Início: 02/03/2009 (encontros semanais)

Tópicos da Clínica Psicanalítica

Coordenação: Durval Checchinato

6as. Feiras, das 8h00 às 9h45

Início: 13/03/2009 (encontros quinzenais)

O mundo corporativo: um olhar psicanalítico. Dimensão clínica e social

Coordenação: Antonio Carlos de Barros Jr.

2as. Feiras, das 18h15 às 19h45

Início: 02/03/09 (encontros quinzenais)

Cartéis Abertos

Psicanálise e Filosofia: Politzer e Lacan

João José Lima Almeida/ Rodrigo Abreu

5as. Feiras, das 20h00 às 21h30

Início: 05/03/2009 (encontros semanais)

A Alestofera: por onde suscitam as cadeias significantes

Regina Moran

5as. Feiras, das 20h00 às 21h30

Início: 05/03/2009 (encontros semanais)

Reflexões/Debates

Encontros com a Comunidade

Reuniões abertas para discussão de temas da atualidade.

1ª. 4a. Feira de cada mês.

Psicanálise e Arte. Cine-debate

O espectador de uma sessão de cinema é mais do que um espectador, uma vez que marcas de sua história pessoal são ressignificadas em função do tempo da sessão.

Um trabalho inconsciente, incansável e contínuo...

3ª. 4a. Feira de cada mês.

Reuniões Internas

Espaço dedicado à troca de conhecimentos e articulações do saber psicanalítico produzido pelos membros da ACP.

Aula Inaugural

Tema (a confirmar)

Palestrante (a confirmar)

6a. Feira 27/02/2009, 20H00.

Local: ACP

II Jornada de Psicanálise da ACP

O Ato Psicanalítico

Sábado 24/10/2009 – 8hs

EXPEDIENTE

aCARTA Informativo da ACP - ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE DE
PSICANÁLISE

Rua 14 de dezembro, 399 CEP 13015-130 Cambuí, Campinas- SP

Tel. / Fax: (19) 3232 4278

e-mail: acp@acpsicanalise.org.br home – Page: www.acpsicanalise.org.br